



Cira Arqueologia

N.º 5



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira



Cira Arqueologia

N.º 5



**Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira**
www.cm-vfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira

PROPRIEDADE

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Museu Municipal

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Museu Municipal

COORDENAÇÃO GERAL

Fátima Roque

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

João Pimenta

TEXTOS

Alberto Mesquita, Ana Margarida Arruda, António Valongo, Carlos Pereira, Carolina Grilo, Cézer Santos, Cleia Detry,
Elisa de Sousa, Henrique Mendes, João Pimenta, João Sequeira, José Pedro Henriques, Mário Longuinho Pereira,
Nuno Mota, Rodrigo Banha da Silva, Rui Roberto de Almeida, Tânia Casimiro, Vasco Gil Mantas, Victor Filipe

REVISÃO

João Pimenta, Henrique Mendes

DESIGN E PAGINAÇÃO

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira DIMRP/SDPG
Patrícia Victorino

EDIÇÃO

CD-Rom | 100 exemplares

DATA DA EDIÇÃO

2016/2017

Os artigos são da inteira responsabilidade dos autores.

ISSN

2183069X

	Apresentação - Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira	5
1	A ocupação Proto-Histórica do Alto dos Cacos (Almeirim, Portugal) ELISA DE SOUSA, JOÃO PIMENTA, HENRIQUE MENDES E ANA MARGARIDA ARRUDA	9
2	Serra de Santa Marina, Cáceres Viejo (Casas de Millán, Cáceres, Espanha). Un Sítio Paradigmático no contexto das Guerras Sertorianas CARLOS PEREIRA	33
3	Os Cossoiros de Porto de Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos) MÁRIO LONGUINHO PEREIRA	55
4	O Miliário da Quinta de Santa Teresa (Alenquer) e outros problemas viários associados VASCO GIL MANTAS	76
5	A cerâmica comum da <i>villa</i> romana de Povos, Vila Franca de Xira CAROLINA GRILO E CÉZER SANTOS	86
6	A Urbanística do Subúrbio Ocidental de <i>Felicias Iulia Olisipo</i> (Lisboa): Um Contributo da I.A.U. da Rua do Ouro n.ºs 133-145 RODRIGO BANHA DA SILVA E ANTÓNIO VALONGO	116
7	Apontamento crono-estratigráfico para a topografia histórica de <i>Olisipo</i>. A intervenção arqueológica na rua de São Mamede (Via Pública – 19), Santa Maria Maior, Lisboa NUNO MOTA, CAROLINA GRILO, RUI ROBERTO DE ALMEIDA E VÍCTOR FILIPE	149
8	Cerâmicas romanas provenientes do rio Tejo, no acervo do Museu Municipal de Vila Franca de Xira. Novos e velhos dados JOÃO PIMENTA, HENRIQUE MENDES E MIGUEL CORREIA	207
9	Animal remains from medieval and modern Vila Franca de Xira, Portugal: Excavations at the Neo-Realism Museum CLEIA DETRY E JOÃO PIMENTA	238
10	Faiança Portuguesa dos Séculos XVI-XVIII recuperada no Tejo TÂNIA MANUEL CASIMIRO E JOÃO SEQUEIRA	260
11	Da China ao fundo do Tejo. Fragmentos de porcelana dos Séculos XVI E XVII TÂNIA MANUEL CASIMIRO E JOSÉ PEDRO HENRIQUES	274

Revista Cira Arqueologia n.º 5

Este novo volume da “Cira Arqueologia” dá continuidade à missão do Centro de Estudos Arqueológicos da Câmara Municipal (CEAX) de Vila Franca de Xira no que respeita ao estudo, investigação e divulgação do nosso passado mais remoto.

Esta publicação (nascida a partir do Boletim Cultural Cira, editado pelo Museu Municipal) tem vindo a afirmar-se de forma consistente em cada número. De ano para ano, tem crescido quer em número de páginas, quer de autores que a procuram, quer de leitores e investigadores que sobre ela se debruçam.

O seu cariz de publicação digital e online, confere-lhe uma acessibilidade e divulgação de largo espectro, disponibilizando, de uma forma bastante democrática, o conhecimento.

Como muitas vezes os arqueólogos do nosso Município gostam de sublinhar, de nada servem as escavações arqueológicas que temos vindo a promover, se elas não forem devidamente estudadas, publicadas e divulgadas.

Cientes desta problemática e da dialética inerente à dualidade escavações arqueológicas e publicações, é com agrado e com sentido de responsabilidade que anualmente apresentamos os resultados da investigação do CEAX, plasmados nesta revista.

Fruto dos trabalhos de investigação e da resiliência na promoção do Centro de Estudos Arqueológicos, a par de estudos em torno do território do Concelho de Vila Franca de Xira, temos neste número um conjunto de contribuições mais amplo, que vem enriquecer as abordagens e leituras anteriores.

Esperamos assim, que este quinto número traga novas luzes sobre o conhecimento das ocupações humanas do vale do Tejo, assumindo a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, o seu papel no apoio à investigação científica na área da Arqueologia e na fruição pública dos seus resultados.

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL

ALBERTO MESQUITA

Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Rua Serpa Pinto, 65
2600-263 Vila Franca de Xira
Tel. 263 280 350

museumunicipal@cm-vfxira.pt
sede@museumunicipalvfxira.org
www.museumunicipalvfxira.org
www.cm-vfxira.pt

➤ Serra de Santa Marina, Cáceres Viejo (Casas de Millán, Cáceres, Espanha). Un Sítio Paradigmático no contexto das Guerras Sertorianas

CARLOS PEREIRA | UNIAHQ – CENTRO DE ARQUEOLOGIA, UNIVERSIDADE DE LISBOA | MUSEU DE CÁCERES

RESUMO

Embora a Arqueologia Militar Romana (Morillo Cerdán, 2016, pp. 1-2) tenha assistido a um considerável desenvolvimento nas últimas décadas, algumas zonas da Península Ibérica permanecem num limitador estado de desconhecimento. A Extremadura espanhola sempre captou a atenção dos investigadores, devido à presença do conhecido acampamento romano de Cáceres el Viejo. Todavia, a centralização neste sítio desviou o olhar de outros, o que fez com que, esses, permanecessem inéditos, e consideramos que podem dar um contributo decisivo para o entendimento dos conflitos bélicos que, durante a república romana, aí aconteceram.

A intervenção na Serra de Santa Marina foi concretizada no âmbito do projecto de pós-doutoramento do autor, intitulado “Acampamentos militares romanos no Ocidente peninsular: estratégias de conquista e controlo do território”, e permitiu obter dados importantes para a Arqueologia Militar Romana na Extremadura.

Exponemos os resultados dessa intervenção, sublinhando, em grande medida, o seu possível enquadramento crono-histórico e cultural, dados que permitirão avançar uma leitura ampla no quadro dos conflitos sertorianos ocorridos nessa zona geográfica. Além disso, a relação desta ocupação militar com o conhecido acampamento de Cáceres el Viejo é, em nosso entender, evidente e permite leituras inovadoras, ainda que preliminares, sobre as “frentes de guerra” que opuseram os exércitos senatoriais e os partidários de Sertório.

ABSTRACT

However, the Roman Military Archaeology (Morillo Cerdán, 2016, pp. 1-2) had a considerable development in the last years, some areas of the Iberian Peninsula rest in a considerable obliviousness about this discipline. Spanish Extremadura always caught the attention of experts, where is located the well-known Roman camp of Cáceres el Viejo. Nonetheless, the attention given to this archaeological site made others remain unknown. Some of this can be elemental to the knowledge of the wars that occurred in this area during the Roman Republic times.

The archaeological excavation in the Santa Marina hill was made under the post-doctoral project of the author, entitled “Acampamentos militares romanos no Ocidente peninsular: estratégias de conquista e controlo do território”, and allow the gather of important data about Roman Military Archaeology in Extremadura.

The results of the excavation are described here, highlighting his crono-historical and cultural context, data which allow us to do an outsized interpretation about the sertorian war, particularly about a precise moment, that occurred in this area. The relationship of this archaeological site, possible with military function, with the well-known

Roman fort of Cáceres el Viejo is evident and make possible some new interpretations about the position and movement of both senatorial army and sertorian supporter's.

1. Introdução

Ainda que este sítio arqueológico, administrativamente integrado no município de Casas de Millán, Cáceres, Espanha (FIG. 1), não tenha sido intervencionado antes, era já conhecido e havia sido citado em alguns estudos, antigos e recentes, que o perpetuaram na bibliografia arqueológica extremeña. Publio Hurtado, na sua obra sobre o “poblamiento hispano-romano en la provincia de Cáceres”, faz referência, inclusive, à existência de um castelo arruinado que teria a mesma designação que o micro-topónimo do cerro, concretamente, Cáceres Viejo. Este mesmo autor fala também de abundantes vestígios romanos na mesma área. Tais informações foram, *a posteriori*, reproduzidas por outros investigadores, sem que, contudo, se inquietassem sobre o seu rigor (Alonso Sánchez, 1988, pp. 55-56; Heras Mora, 2015, pp. 110-111). FIG. 1

Porém, embora Publio Hurtado apenas nos transmita algumas informações, foi com o trabalho de Fernando García Morales (1979) que este sítio voltou a ganhar uma renovada importância. Este autor avançou algumas propostas que o relacionaram com o acampamento romano de Cáceres el Viejo, nos arredores da actual cidade de Cáceres, supondo que aquele corresponderia a um posto avançado deste, reflectindo ainda sobre a referência aos *castris* citados nos textos antigos – *Castra Servilia* e *Castra Caecilia*.

No entanto, ainda que saibamos que na Serra de Santa Marina não se realizaram trabalhos arqueológicos, pelo menos cumprindo com as vigentes metodologias e com a legislação necessária, algumas das informações transmitidas são particularmente detalhadas. Neste sentido, devemos ter em consideração a possível confusão entre dois sítios arqueológicos distintos: o que se localiza no topo da serra, onde foi concretizada a intervenção que agora se dá a conhecer, e o que se encontra no sopé da mesma, do lado Sul, intervencionado nos anos cinquenta pelo reverendo Enrique Escribano. Infelizmente, nada se sabe sobre esta intervenção. Por outro lado, sendo este reverendo conhecedor do património do seu município, não é também improvável que tenha realizado “explorações” no topo da serra, desconhecendo-se, contudo, quaisquer resultados.

Figura 1
Localização dos sectores escavados na Serra de Santa Marina, sobre OrtoFotos PNOAEX 2008/2011 0,50m. No canto superior esquerdo – MDT Espanha a 5m e margem de escalas de visualização inferiores a 1:60 000 com a localização da província de Extremadura. No canto inferior esquerdo – Elevações da província com localização da Serra de Santa Marina.



Porém, nem toda a informação conhecida remete para uma ocupação romana. Alguns autores também associam a este sítio uma ocupação pré-romana (Martín Bravo, 1995, pp. 303-304), descrevendo um povoado fortificado de, aproximadamente, 10ha. A mesma autora descreveu algumas construções rectangulares que viu no terreno, construídas com “bloques de cuarcita bien tallados” (*Op. Cit. Ibidem*). Tendo em consideração os recentes dados, tudo aponta que tais estruturas sejam, na verdade, romanas.

Segundo o estado da arte acerca deste sítio, a abordagem ao terreno previa a possibilidade de que nele estivessem plasmadas, pelo menos, três ocupações distintas, o que, como veremos adiante, não foi corroborado. A dualidade de informações e a grande dimensão da serra obrigou, portanto, a realizar um mero diagnóstico ao terreno e dos seus contextos nas áreas que apresentavam maior concentração de vestígios, tendo por objectivo detectar a génese da ocupação e averiguar qual a sua função. Por outro lado, a existência de estruturas visíveis à superfície do terreno, seguramente as que já outros autores haviam referido, exigia uma datação segundo os métodos actuais.

Foram, portanto, atribuídos dois sectores distintos a zonas concretas do cerro, à zona Este e Oeste, sendo aquela a área que se identifica com Cáceres Viejo. Num desses sectores (Sector 1, a Oeste) foi possível observar que as estruturas delimitavam claramente uma área rectangular de consideráveis dimensões, possivelmente correspondente a um edifício, pois no seu interior e à superfície, encontra-se uma abundante quantidade de fragmentos de telha. No interior, foi realizada uma sondagem de 4x2m, com o objectivo de diagnosticar a ocupação do subsolo e datar as estruturas visíveis. No outro sector (Sector 2, a Este), eram igualmente visíveis estruturas à superfície, foi implantada uma sondagem de 5x6m, incluindo as estruturas para registo e permitindo a escavação do interior do compartimento.

2. Resultados da primeira campanha de trabalhos arqueológicos

Inevitavelmente, os resultados obtidos em ambos sectores foram consideravelmente desiguais, embora neles se tenha identificado edifícios e/ou compartimentos que eram já visíveis à superfície.

No Sector 1 foi realizada uma sondagem no interior do já referido edifício (FIG. 2) tendo por finalidade averiguar a conservação dos níveis arqueológicos e, simultaneamente, datar as estruturas. A planta deste edifício é rectangular, com dimensões que rondam os 27x10m, apenas com uma entrada notavelmente estreita, visível na estrutura Norte. Não é improvável que, do lado Este, se conservem subdivisões internas que, infelizmente, não foram passíveis de ser documentadas. As paredes têm uma espessura que ronda os 60cm, construídas com blocos de quartzito claramente local (da própria serra) e não parecem conter qualquer ligante de matriz argilosa. Apesar disso, parece razoável aceitar que a sua construção foi programada e cuidada, pois ambas as faces, interna e externa, estão bem alinhadas e as pedras foram colocadas de forma a que o núcleo pudesse ser colmatado com terra e cascalho.

A realização desta sondagem permitiu detectar um pequeno conjunto de unidades estratigráficas que, apesar de algumas violações, não parecem ter sofrido profundas alterações ou destruições modernas ou contemporâneas. Todavia, não ofereceram qualquer material arqueológico que permitisse datar as estruturas, além de um par de fragmentos de telhas e uma abundantíssima quantidade de telhas de “meia-cana” no estrato superficial.

Parece evidente que este edifício é aquele que A. Alonso considerou um possível *castellum* de cronologia romana, implantado numa posição estratégica e vocacionado para o controlo

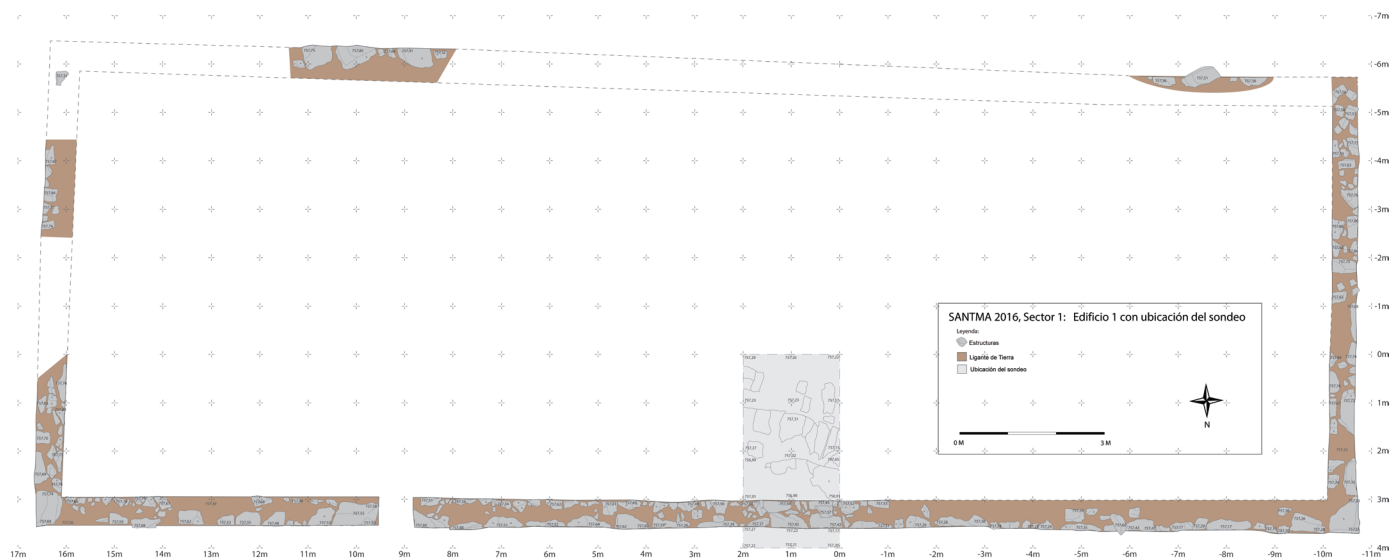


Figura 2
Planta das estruturas
identificadas e
registradas no Sector
1, com localização da
sondagem.

do caminho romano antecedente da Via da Prata (1988, pp. 55-56), que passa por Puerto de los Castaños, a Oeste do cerro.

A intervenção realizada no Sector 2, portanto a área com o micro-topónimo “Cáceres Viejo”, justificou-se pela presença de estruturas e respectivos derrubes (FIG. 3), que denunciavam a presença de uma arquitectura ligeiramente distinta à que foi constatada no Sector 1. A sua presença estende-se por uma área apreciável, mas que se limita somente à vertente Sul da serra, estendendo-se a ocupação desde a crista rochosa, localizada no topo, até à zona onde se inicia a plantação de pinheiros. Provavelmente os vestígios prolongar-se-iam, mas foram truncados pelo plantio dessas árvores, para o qual se surribou a vertente. Assim, delimitou-se um dos compartimentos visíveis e mais próximos ao topo do cerro, que, no interior, conservava os derrubes ainda com ocos entres as pedras.

Sob os derrubes de pedra, todas de quartzito aproveitadas do próprio cerro, detectaram-se os níveis da ocupação associados a essas estruturas. Este contexto, bem conservado, estava



Figura 3
Estruturas visíveis
no Sector 2, após a
desmatagem e antes
de ser iniciada a
intervenção.

composto pelo estrato de utilização do compartimento, uma lareira localizada sensivelmente no centro, formada por uma placa de argila, e ainda alguns materiais dispersos pelo espaço, com especial concentração na zona Este. Deve ainda referir-se a presença considerável de cinzas, particularmente na zona Oeste, seguramente resultantes da utilização da lareira.

As características desta ocupação não apresentam, aparentemente, nada de anômalo sobre a dinâmica ocupacional da zona geográfica em questão. As estruturas que delimitam este compartimento apresentam uma planta rectangular, com a entrada na esquina Sudoeste e dimensões internas que rondam os 2,80x4,80m (FIG. 4). Contrariamente às do edifício do Sector 1, são irregulares, construídas de forma precária, com pedra local (quartzito) de grandes dimensões. Estas, não aparentam ter sido trabalhadas para tal fim e a sua espessura excede, por vezes, o metro. Apenas a estrutura Sul oferece dimensões mais reduzidas, quando comparada com as restantes, cerca de 60cm, o que obriga a ponderar tratar-se de uma subdivisão interna.

Este tipo de construção, associada a uma única e curta ocupação do terreno, augura que a sua edificação deve ter sido igualmente rápida. As primeiras fiadas das estruturas, ainda conservadas no terreno, são constituídas por grandes blocos, que não seriam fáceis de mover, enquanto a pedra de menor dimensão parece ter sido utilizada apenas para “travar” aqueles e preencher os ocios. Estas construções aproveitaram ainda a crista rochosa que se localiza no

Figura 4
Planta de las
estructuras
identificadas no Sector
2, com localização
da lareira. No canto
inferior direito – Perfil
W-E da estratigrafia ao
metro 2.

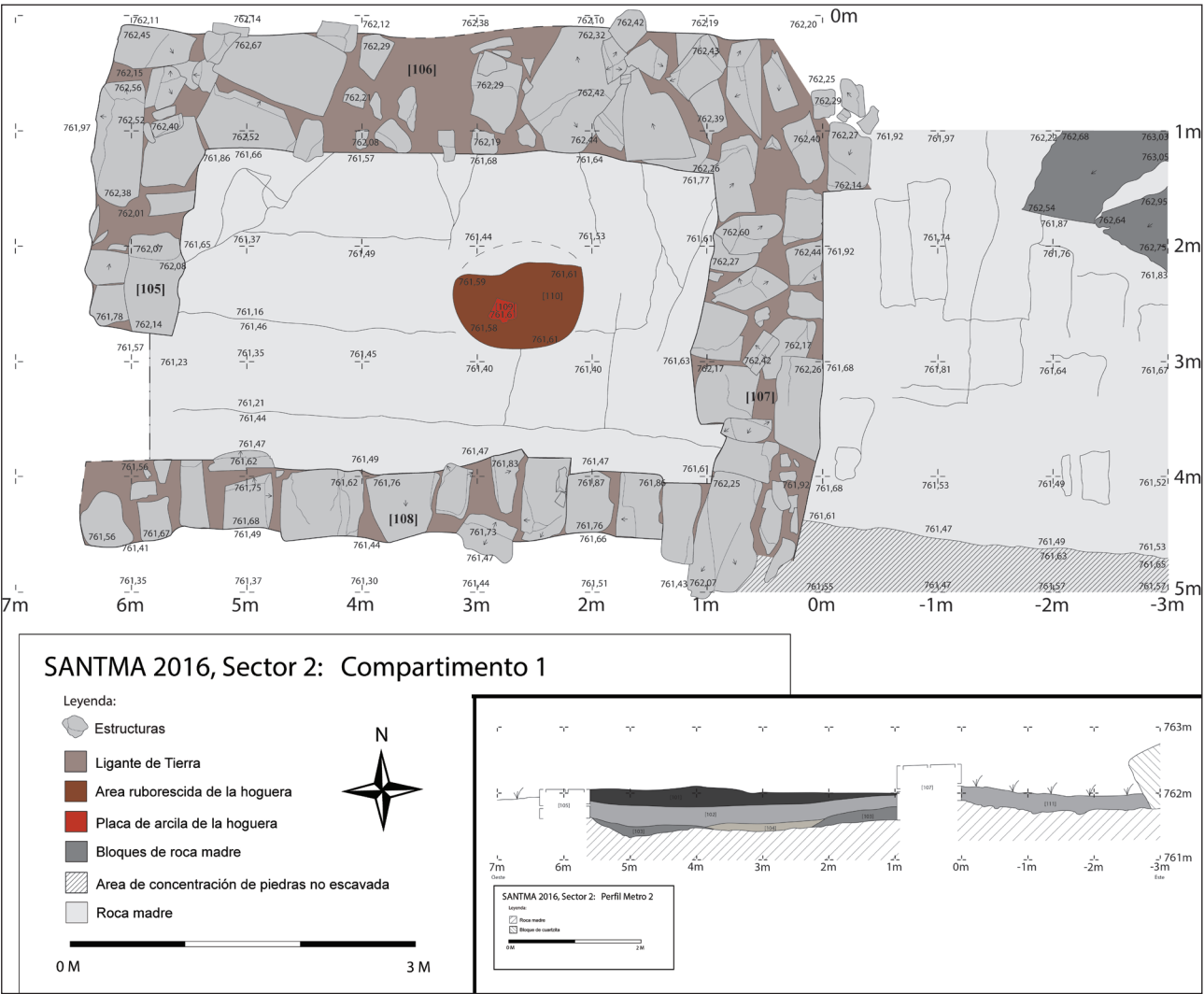




Figura 5
Entalhes no maciço rochoso que foram utilizados para fixação de alguma estrutura.

topo do cerro. Efectivamente foram documentados entalhes (FIG. 5), alinhados com as estruturas do compartimento, que denunciam a possível colocação de travejamentos de materiais perecíveis que integraram, por exemplo, alguma cobertura.

Não obstante os importantes dados que pudemos obter com esta primeira intervenção, não é fácil garantir qual a possível adscrição da ocupação. Inclusive os materiais arqueológicos recuperados no interior do compartimento são, na maioria, cerâmicas comuns que não permitem um enquadramento cronológico preciso. O inventário de artefactos recuperados conta com um total de 16 peças, das quais 13 correspondem a cerâmicas comuns de produção local/regional, particularmente potes/panelas destinadas a guardar ou confeccionar alimentos (Fig. 6, n.º 010 a 012). Apesar disso, também foi possível reconhecer um fragmento de um recipiente para beber (Fig. 6, n.º 005), igualmente de produção local/regional, e outro

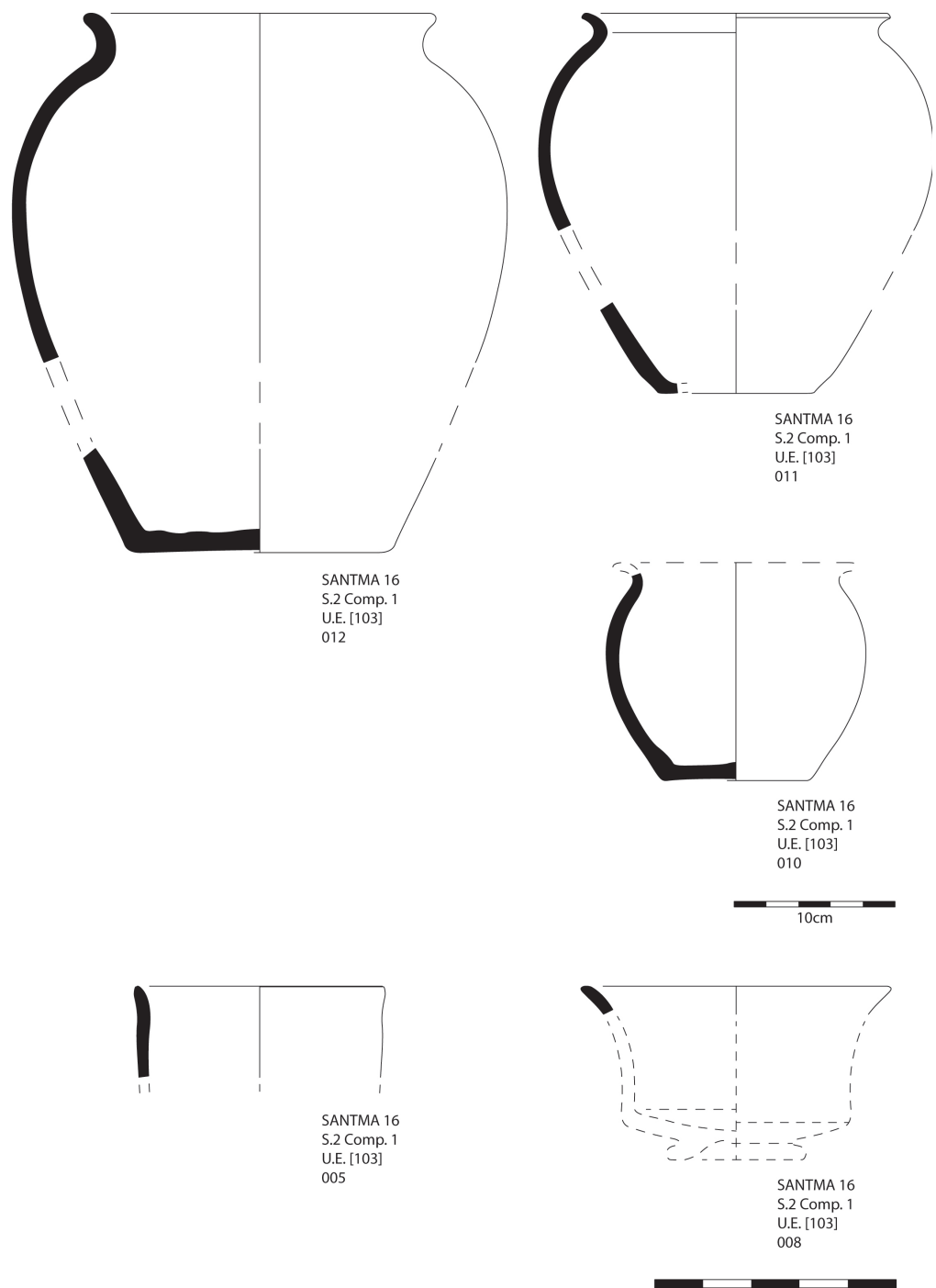


Figura 6
Cerâmicas recolhidas
no interior do
compartimento, no
estrato de utilização,
U.E. [103], associadas à
lareira, aos projecteis e
à moeda de prata.

que, apesar da sua elevada fragmentação, pode corresponder a uma imitação local/regional de uma cerâmica campaniense B do tipo Lamboglia 2 (FIG. 6, N.º 008). Ostenta uma pasta de características tecno-petrográficas claramente local, com inclusões de quartzito, a superfície está polida e é de tonalidade negra, o que pode denunciar uma intencionada reprodução das características da campaniense.

Embora relacionemos este sítio com uma ocupação militar, veremos adiante outros argumentos que apoiam tal possibilidade. Admitimos que o conjunto recuperado não conta com artefactos de inequívoca identificação com *militaria*. Além disso, a quantidade do conjunto é consideravelmente reduzida, o que, associado à curta ocupação do espaço, pode delatar um

abandono premeditado e programado. Os únicos artefactos que, de alguma forma, podem relacionar-se com funções militares são dois projecteis esféricos de pedra (*ballistae*), claramente provenientes de outra área geográfica, ainda que próxima, que estavam acondicionados no lado Este do compartimento, juntamente com as cerâmicas. A forma esférica foi conseguida após um considerável trabalho de talhe tosco e desbaste e o seu diâmetro situa-se entre os 6 e os 10cm (FIG. 7). Projecteis de este tipo foram identificados em Numância (Menéndez Pidal, 1962, pp. 175-176, Fig. 130) e em Monte Bernorio (Torres-Martínez *et al.*, 2013, p. 66, Figura 5), conquanto alguns apresentem dimensões mais reduzidas. Também no acampamento de Cáceres el Viejo estes projecteis estão presentes, embora permaneçam inéditos, de dimensões e peso similar (cerca de 500gr.).

Tendo em conta o exposto até ao momento, o conjunto não oferece nenhum artefacto que possa datar com precisão o contexto documentado. Todavia, a recolha de uma moeda de prata (FIG. 8) no estrato de utilização do compartimento, claramente associada às cerâmicas e projecteis antes descritos, permite atribuir um momento concreto à ocupação. Trata-se de uma moeda de prata (*denarius serratus*) de *Caius Publicius Quinti filius*, de 80 a.C. (RRC 380/1). No anverso ostenta a cabeça de Roma com o capacete adornado com a cabeça da águia e duas penas. Tem gravada a marca de controlo “S” na parte superior do campo e a legenda ROMA à esquerda. No reverso é possível identificar Hércules a lutar com o leão de Nemeia. Sob este identifica-se a clava e à esquerda o arco e aljava com várias flechas. Além disso, tem a legenda *C[aius] POBLICI[us]* à direita e repete a mesma marca de controlo, “S”, na parte superior esquerda.

Parece, portanto, agora mais evidente a cronologia e a função deste sítio arqueológico para o qual, até ao momento, apenas se intuía algumas leituras possíveis devido a informações antigas. Por agora descartamos a existência de uma ocupação pré-romana, já que em ambos os sectores a estratigrafia, arquitectura e materiais delatam uma cronologia romana, plasmada em uma única ocupação assente directamente sobre o afloramento. Ainda assim, as dimensões do cerro abrigam a manter tal possibilidade em aberto.

Como vimos, se os dados obtidos no Sector 1 não são de todo esclarecedores, tanto sobre a cronologia da ocupação do edifício como da sua função, o mesmo não aconteceu com aqueles recolhidos no Sector 2. A ocupação desse espaço é coetânea de um momento peculiar para a História da Hispânia, concretamente da área da Extremadura espanhola — as guerras sertorianas. Embora ténues, adensam-se os indícios de que a ocupação deste espaço



Figura 7
Projecteis esféricos
de pedra.



Figura 8
Moeda de prata
(*denarius serratus*),
cunhada em Roma (80
a.C.) pelo magistrado
*Caius Publicius Quinti
filius*.



possa ser militar. Porém, é possível encontrar outros argumentos que podem confirmar, ou pelo menos corroborar, essa eventualidade. Entretanto, as considerações que Ángela Alonso preconizou para o edifício do Sector 1 permanecem válidas.

3. Cáceres viejo, posição estratégica militar?

Como referimos antes, a análise do sítio e dos seus contextos não oferece os argumentos suficientes para garantir que a sua ocupação foi de cariz militar. Já vimos que tanto a arquitectura como os artefactos não oferecem suficientes informações acerca da função, ainda que nos dêem indícios que devemos ter em conta.

O primeiro que chama a atenção, tendo sempre em mente que pode corresponder, efectivamente, a um estacionamento militar, é a sua localização e tipologia. A Serra de Santa Marina integra um cordão montanhoso, no centro da província de Cáceres, que se prolonga de Oeste para Este e que está integrado por outras, como a Serra de Santa Catalina, a Serra de las Corchuelas, a Serra del Serrejón, entre outras. Parece sumamente interessante que, do ponto de vista estratégico-militar, nesta zona existam duas barreiras naturais de difícil transposição – a cadeia montanhosa de que falamos e o rio Tejo, que lhe é paralelo um pouco mais a Sul.

O sítio está localizado no topo da Serra de Santa Marina, concretamente em Cáceres Viejo, apresentando uma superfície consideravelmente irregular, frequentemente abrupta, com uma altitude de, sensivelmente, 750m. No topo é visível uma apreciável quantidade de protuberâncias rochosas, o que dificulta ainda mais a sua utilização para uma ocupação humana, sobretudo militar.

Reparámos, assim, que nem a topografia nem a geografia são as mais propícias para o estabelecimento de um recinto militar, pelo menos os que integram os típicos acampamentos romanos de planta ortogonal, como é o caso de Cáceres el Viejo (Ulbert, 1984). É evidente que a topografia do terreno inviabilizava a construção de um recinto militar dessa índole. Por outro lado, não deixa de surpreender o facto de que a ocupação do cerro esteja disseminada unicamente pela vertente Sul, precisamente aquela que está voltada para o acampamento de Metelo, estando, até ao momento, descartada uma ocupação efectiva da vertente Norte. Apesar disso, devemos também ter em conta que aquela é, justamente, a vertente que estava protegida da intempérie durante as estações frias. Com efeito, toda a área Sul do cerro, pelo menos a que não foi afectada pelo plantio de pinhos e eucaliptos, conserva estruturas à superfície e os seus respectivos derrubes.

Esta situação não deverá ter implicado, contudo, um desatender pela protecção do lado Norte da serra. Durante os trabalhos de escavação pudemos identificar zonas onde foram



Figura 9
Vestígios de estruturas defensivas no topo da Serra de Santa Marina.

construídas potentes estruturas, no topo do cerro, voltadas para o Norte, que aproveitam as cristas rochosas com o propósito de criar um perímetro protegido, que corresponde hoje a amontoados de pedra derrubada (FIG. 9). As técnicas utilizadas para a sua elevação parecem ter sido as mesmas empregues na construção do compartimento. Por outras palavras, foram construídas através da simples colocação de pedras sobre pedra, sem talhar, deixando antever que a sua edificação foi igualmente realizada num curto espaço de tempo.

Não é fácil estimar a totalidade da área ocupada, tanto pela presença de uma densa vegetação como pelo facto de desconhecermos ainda bastante sobre este sítio. O que pudemos averiguar, durante esta campanha, foi que as estruturas visíveis se estendem por uma superfície de cerca de 1,5 a 2ha, embora seguramente a área ocupada seja superior, e que, se temos em conta os dados de A. Martín Bravo, as dimensões podem mesmo alcançar os 10ha. Além disso, a extensão, alinhamentos e organização interna das estruturas visíveis não parece reger-se por um critério de implantação concreto, menos ainda aquele que era praticado para os típicos acampamentos.

Outra questão interessante relaciona-se com a cultura material aí registada. Tendo em conta a probabilidade de tratar-se de uma ocupação militar, talvez até de um posto avançado do próprio *castra caecilia*, como foi já proposto (García Morales, 1979), seria espectável que a dinâmica de consumo fosse mais intensa e estivesse mais manifesta nos níveis arqueológicos, por ventura abastecido pelo próprio acampamento antes referido. No entanto, não foi identificado um único fragmento de, por exemplo, ânfora itálica vinária ou de cerâmica de campaniense, ambas categorias cerâmicas abundantemente recolhidas em Cáceres el Viejo

(Ulbert, 1984). Os artefactos encontrados, além de serem em quantidade limitada, são de produção tosca, local/regional, e limitam-se quase exclusivamente a recipientes de armazenagem e/ou confecção, além dos projecteis. Inclusive as características da cerâmica comum não são comparáveis com a que se encontrou no acampamento escavado por A. Schulten. Apesar disso, foram encontradas em clara associação com a moeda de prata, artefactos que contrastam consideravelmente. Admitimos, porém, que devemos ter em conta a reduzida durabilidade da ocupação e um provável abandono programado, o que poderia explicar, em parte, a ausência dessas cerâmicas.

Para além desses inconvenientes, é irrefutável que o sítio se localiza claramente numa zona estratégica, instalado em um ponto de controlo do caminho romano precedente da Via da Prata (Alonso Sánchez, 1988, pp. 55-56; Montalvo Frías, 2008; Heras Mora, 2015, p. 110), atravessando o cordão montanhoso por uma das poucas zonas onde este se abre — o Puerto de los Castaños.

Apesar disso, a estratégia desta instalação pode não residir apenas no controlo desta via, mas também na formação montanhosa que se desenvolve desde a fronteira com Portugal, concretamente desde Monfortinho, até fundir-se com os relevos de Ibor. Esta formação geológica dá relevo a uma barreira natural que, juntamente com o Tejo, seria de difícil flanqueamento. Todas estas características, gerais e particulares, levantam questões de difícil resposta, nomeadamente sobre a adscrição militar do sítio. Seria, efectivamente, um posto avançado do acampamento romano de Cáceres el Viejo?

Não é fácil encontrar os argumentos necessários que o comprovem ou refutem, pelo menos enquanto os trabalhos realizados no local não forem mais intensos e extensos. Apesar disso, alguns indícios parecem contrariar tal proposta, tanto do ponto de vista arqueológico, filológico ou do da estratégia militar. A possível utilização desta “muralla” natural pode estar, na realidade, relacionada com o impedimento ao avanço dos exércitos senatoriais comandados, a partir de 79 a.C., por Quinto Cecílio Metelo, pois a sua ocupação parece enquadrar-se mais na estratégia de guerrilha (Cadiou, 2004) do que na de guerra ou confronto directo praticada por aqueles. Com efeito, ao compararmos os critérios de implantação de ambos sítios, cultura material e tipologia, Cáceres el Viejo e Cáceres Viejo expõem evidentes diferenças, o que obriga a ponderar se ambos não poderão representar distintas frentes de facções opostas — *optimates* e *populares*.

Outra diferença que devemos salientar é a dimensão. Os 24ha do acampamento localizado nas imediações da cidade de Cáceres contrastam com a dimensão do sítio que agora se apresenta. Todavia, embora possamos utilizar esta disparidade em favor de um distanciamento entre ambas as realidades militares, nos arredores da Serra de Santa Marina pudemos identificar outras ocupações que seguramente estão relacionadas com a ocupação militar desta barreira, a maioria deles ostentando os mesmos vestígios arqueológicos superficiais que apresenta Cáceres Viejo, Santa Marina. A sua identificação, à que seguramente se somarão outros no futuro, parece corroborar a utilização da cordilheira montanhosa como defesa do território e os sítios parecem concentrar-se particularmente na área que está em frente ao acampamento de Metelo (Fig. 10 e 11), ainda que também coincidente com a zona onde a cordilheira se abre. Apesar disso, devemos admitir que estes sítios carecem ainda de trabalhos arqueológicos que confirmem o seu âmbito crono-cultural, devidamente fundamentado em contextos estratigráficos conservados.

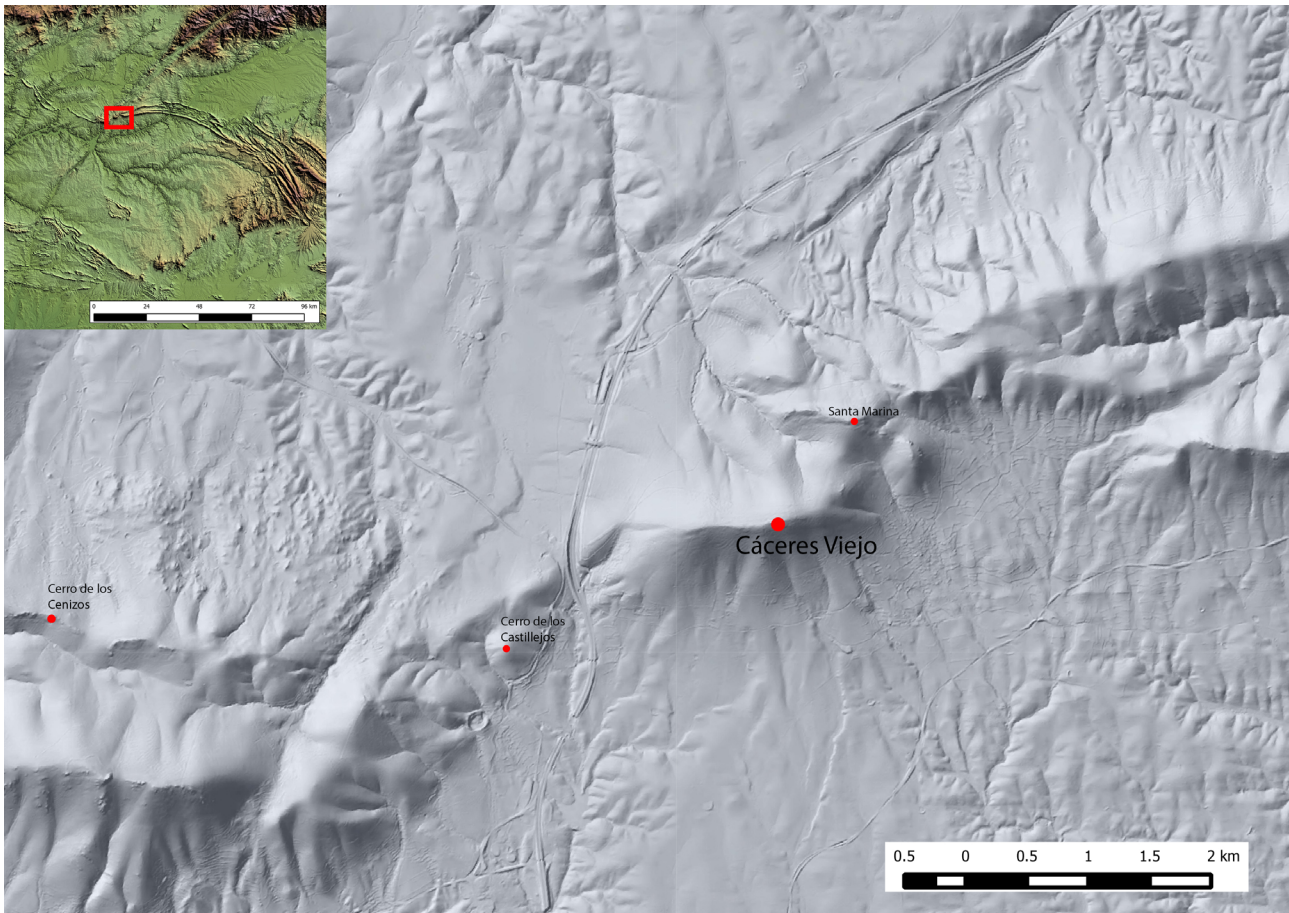
O estabelecimento de Cáceres Viejo, na Serra de Santa Marina, está, portanto, ladeado por outros: a Sudoeste o Cerro de los Castillejos e o Cerro de los Cenizos, a Nordeste o de Santa

Marina (FIG. 10). Este está situado num cerro de idêntica morfologia que o de Cáceres Viejo, embora de menores dimensões, e apresenta os mesmos vestígios arqueológicos que se constatarem naquele que foi intervencionado, ou seja, estruturas visíveis construídas toscamente, com pedra de quartzito local e, associados, os derrubes igualmente visíveis. Infelizmente não tivemos ainda oportunidade de intervir neste local com o fim de confirmar uma possível contemporaneidade entre ambos.

O que se localiza no Cerro de los Castillejos apresenta vestígios arqueológicos distintos e a sua dispersão é menor que a dos demais sítios, augurando uma ocupação limitada apenas ao topo do cerro. Aí foi verificado um recinto, de forma aparentemente circular, delimitado por uma eventual estrutura que combina pedra e terra. A pedra utilizada para a sua edificação parece ser maioritariamente local, de quartzito, mas também se podem constatar outras com distintas proveniências, como é o caso do granito. Contrariamente aos restantes, não se descarta para este caso uma ocupação pré-romana sob os níveis romanos, embora os únicos materiais arqueológicos “datantes” encontrados tenham sido telhas de meia-cana e tégulas. Apesar disso, o conjunto de estruturas e a sua disposição pode inserir-se numa ocupação anterior, enquadrada nos típicos castros da Idade do Ferro da área, além de que a presença de pedra, que não sendo local, supõe uma dedicação acrescida na construção. Do lado exterior do recinto circular, sobretudo do lado Norte, são visíveis ainda um conjunto de compartimentos que acompanham a forma e dimensão do recinto central, ao qual se adossam.

O Cerro de los Cenizos apresenta os mesmos indícios que Santa Marina e Cáceres Viejo, mas devemos admitir que, neste caso, as dimensões da ocupação ficam muito aquém da dos

Figura 10
Mapa de base LiDAR com localização dos sítios arqueológicos inéditos citados no texto. No canto superior esquerdo – Elevações da província de Extremadura com localização da Serra de Santa Marina.



sítios similares, o que poderia indicar tratar-se de uma ocupação vocacionada sobretudo para a vigilância.

Como vemos é, apesar de tudo, plausível intuir a existência de uma implantação que tinha por objectivo a defesa do território, ou pelo menos o seu controle, em uma zona que, além de estar em frente ao bem conhecido acampamento de Cáceres el Viejo, permite o controle e passagem através do maciço que se estende por uma área de cerca de 50km. A importância deste ponto de passagem viria a ser comprovada pela implantação definitiva da Via da Prata (Pérez Urban, 2005; Paule Rubio, 2010). Todavia, apesar dos recentes avanços, não é ainda evidente que esta implantação se concentre particularmente nas zonas que apresentam aberturas na cordilheira, portanto, zonas de menor defesa natural, ou se, no futuro, outros sítios da mesma índole serão identificados nessa formação geológica.

Até ao momento os trabalhos de prospecção apenas se concentraram na área próxima à Serra de Santa Marina, que é coincidente com a passagem principal do eixo viário Sul/Norte. Nessa zona o maciço natural apresenta uma considerável falha que seguramente exigiu atenção em situações de conflito, o que pode justificar a existência de sítios de provável natureza militar.

4. A Serra de Santa Marina no âmbito das Guerras Sertorianas

O momento ao qual nos devemos cingir é, compreensivelmente, o que engloba o conflito sertoriano e que teve Hispânia como palco. Neste sentido, parece necessário traçar brevemente o percurso de Sertório, especificamente na Extremadura, tendo por objectivo reflectir acerca de quando e como passou por essa zona geográfica, apoiando-nos em alguns trabalhos anteriores de autores que trataram o tema (García Morá, 1991; Pérez Gutiérrez, 2014; Salinas de Frías, 2006; Cadiou, 2008).

Sertório foi um personagem fundamental para compreender a crise da república romana, permitindo a transição definitiva institucionalizada aos poderes pessoais (Santos Yanguas, 2009; Pérez Gutiérrez, 2014, p. 122). Pela primeira vez um homem de origem humilde enfrentou o senado romano e impressionou os generais que eram enviados para dirigir os exércitos senatoriais. Mas a figura de Sertório está ligada a uma dicotomia que pautou frequentemente os debates científicos: a do Sertório romano e a do Sertório ibérico (Roldán Hervás, 1981, pp. 511 e ss.). Se, por um lado, o general representou a luta contra os romanos, libertador dos iberos do jugo oligárquico (Candón González, 2013), por outro, somente demonstrou a sua negativa ao regime que não reconhecia como legítimo. A comprovar esta postura de Sertório, a do romano que fez uso da sua influência na Hispânia para combater aqueles que controlavam o senado, está a criação, na própria Hispânia, de um senado alternativo e contraposto ao de Roma, assim como a aliança que fez com Mitridates (Santos Yanguas, 2009, pp. 182-183).

Não sendo, contudo, a figura de Sertório o tema central deste trabalho e a sua representatividade em Hispânia, o certo foi que o conflito bélico por ele encabeçado, por um lado, e por Cecílio Metelo, pelo outro, deve ter marcado profundamente o território por onde passaram ou se fizeram estacionar os exércitos. O abandono de cidades, a devastação de campos e de aglomerados populacionais da maioria dos territórios em disputa e movimentação de gentes foi, seguramente, uma realidade que reflectiu um panorama desolador contrastado pelas fontes clássicas e confirmado pela Arqueologia. Cidades como *Laccobriga* (Arruda, 2007; Arruda e Sousa, 2012), *Contrebia Leucade* (Beltrán Lloris, 2002), *Calagurris* (Espinosa, 1984; Amela Valverde, 2002; Beltrán Lloris, 2002; Pina Polo, 2006), *Oscá* (Beltrán Lloris, 2002;

Pina Polo, 2006), *Valentia* (Marín Jordá *et al.* 2004; Ribera i Lancomba e Marín Jordá, 2004-2005), entre outras, pagaram a sua fidelidade com a destruição ou, pelo menos, com um considerável isolamento económico e comercial que tolheu uma visibilidade arqueológica.

Este general é amplamente conhecido por praticar uma técnica de conflito que até então não era muito utilizada pelos generais romanos, a guerrilha (Cadiou, 2004; Encarnação, 2009). Embora conheçamos muitos sítios que transparecem a presença deste tipo de conflito, como os que foram já citados, desconhecemos outros que comprovem tais tácticas. No entanto, se já é difícil identificar e interpretar muitos dos vestígios arqueológicos militares, mais difícil é interpretar aqueles que podem, de alguma forma, inserir-se neste âmbito. O permanente avançar e recuar das frentes de guerra, ou de guerrilha, impossibilitam a construção de um discurso evolutivo dos acontecimentos militares assim como o itinerário que tomaram ambos exércitos. Apesar das dificuldades, conhecemos algumas zonas de conflito que, sem margem a dúvidas, foram espaço de enfrentamentos, como é o caso da província de Cáceres onde se edificou o conhecido acampamento de Cáceres el Viejo (Ullbert, 1984).

Outros autores advertiram já que a guerra sertoriana corresponde a um fenómeno consideravelmente complexo no qual tiveram lugar acontecimentos militares específicos, em distintos momentos e em distintas regiões (Morillo Cerdán, 2014, p. 48). Este mesmo autor chama ainda a atenção para o simples facto de que, na maioria dos casos, a ampla diacronia dos materiais não permite uma datação excessivamente precisa, permitindo um enquadramento em episódios concretos desta guerra. O mesmo poderia ser imputado a este sítio em concreto que, na realidade, ofereceu materiais que apresentam uma datação igualmente dilatada. Todavia, outros permitem antever a sua função militar, assim como enquadrar com relativa exactidão essa ocupação, devendo-se mencionar ainda a sua relação com o acampamento de Cáceres el Viejo, localizado mais a Sul.

Segundo as fontes, Sertório chega à Hispânia pelo Sul, concretamente a *Mons Belleia* (Salústio, *Historiarum Fragmenta*, I, 93-94), que se tem identificado com Silla del Papa, em Bolonia (García Morá, 1991, p. 62; Moret *et al.*, 2008, p. 3). Nesse local ter-se-ia reunido com os seus aliados lusitanos, depois de ter cruzado o Estreito, no ano de 80 a.C. Não é fácil reconstituir os passos deste general depois de ter estado no Sul. Sabemos que já tinha estado em Hispânia antes, quando combateu C. Annio Lusco, e que se viu obrigado a refugiar no Norte de África (Salinas de Frías, 2006, p. 155), porém, depois do seu regresso, em 80 a.C., não se conhece com precisão o seu percurso. Apesar disso, os vários autores parecem estar de acordo na direcção que este tomou – a Lusitânia (García Morá, 1991, p. 65; Salinas de Frías, 2006, p. 157), passando pela Betúria céltica (García Morá e Pérez Medina, 1991, p. 76). Mas embora saibamos a direcção que seguiu, desconhecemos onde este fez estacionar as suas tropas.

O ano de 79 a.C. parece ser chave para o contexto deste trabalho já que, com a chegada de Q. Cecílio Metelo, Sertório se viu obrigado a uma táctica claramente de defesa e que, segundo García Morá (1991, p. 84), retrocede até se refugiar na área delimitada entre o Tejo e o Douro. Ainda que não possamos descartar por completo esta posição, o certo é que outras vozes se alçaram reclamando outra mais a Sul (Schulten, 1928; Pérez Vilatela, 2000, Salinas de Frías, 2006; Heras Mora, 2015, pp. 95-96), apoiados sobretudo nas indicações de Salústio, que faz referência às acções militares de Metelo (*Historiarum Fragmenta*, I, 101-121). Perante os dados proporcionados pela escavação, não podemos deixar de concordar com o que alguns destes autores afirmaram sobre as referências do autor clássico, nomeadamente quando fala do Tejo, concretamente *iam repente visus lenire Tagus*, e a provável posição dos contingentes (Heras Mora, 2015, p. 96). Devemos reconhecer que nem os dados arqueológicos, nem os

literários permitem colocar o palco de operações militares de ambos os exércitos entre o Tejo e o Douro no ano de 79 ou mesmo de 78 a.C. (García Morá, 1991, p. 101).

É, pois, de supor que o raio de acção dos contingentes estaria mais a Sul, o que justificaria a instalação, ou reutilização¹, do acampamento militar de Cáceres el Viejo. Apesar disso, devemos reconhecer que estas posições não eram fixas e menos ainda rígidas. Os relatos das fontes são claros quanto à realização de “excursões”, de um e de outro bando, em território inimigo, particularmente dos contingentes sertorianos, além de que as frentes de conflito se moviam constantemente. Estes factos poderiam, portanto, justificar a presença de glandes de chumbo mais ao Sul atribuídas a Sertório, concretamente em Encinasola (Chic García, 1986). Esta presença pode também ser resultado do avançar da linha de conflito em direcção à área meridional, realidade que pode ter ocorrido a partir de 78 a.C.

Esta situação demonstra que não é fácil reconstituir alguns dos fenómenos ou epifenómenos do episódio sertoriano e menos ainda encaixá-los na sua ordem definitiva. A cultura material é, com efeito, insuficiente na maioria dos casos (Morillo Cerdán, 2014, pp. 48-49) para que possamos enlaçar com rigor todos os acontecimentos militares ocorridos.

Tendo em conta o que foi dito até ao momento, não parece descabido que a ocupação atestada na Serra de Santa Marina se possa relacionar com as tácticas militares realizadas a partir de 79 a.C., pois é nesse ano que os autores clássicos localizam os exércitos mais a Norte e que, na mesma altura, Q. Cecílio Metelo estabelece o acampamento que hoje se conserva a Norte da actual cidade de Cáceres (Schulten, 1931). Neste sentido, lembramos que a escavação do compartimento do Sector 2 permitiu a recolha de uma moeda de prata, claramente em contexto, cunhada em Roma no ano de 80 a.C. Por outro lado, Salústio, referindo-se às movimentações dos contingentes de Cecílio Metelo, afirma que destrói povos e queima culturas (*Historiarum Fragmenta*, I, 102), mas a referência que faz ao rio Tejo não demonstra que estava para Norte deste, senão que não o deverá, sequer, ter transposto.

Se aceitarmos que nesta área geográfica estamos perante uma zona de conflito, não podemos deixar de questionar a que facção se deveu a ocupação detectada na Serra de Santa Marina. Já reconhecemos que não existem provas irrefutáveis de que as construções e ocupação desse monte esteja claramente relacionada com algum episódio da guerra sertoriana. Todavia, alguns dos indícios apontam nesse sentido, nomeadamente a posição estratégica e a confrontação de Cáceres el Viejo e Cáceres Viejo (Santa Marina) (FIG. 11) que, tendo o Tejo a separá-los, não permite supor que este foi um posto avançado daquele (García Morales, 1979). Assim, a estratégia de implantação, a arquitectura, a organização interna, a cultura material, a cronologia obtida através da moeda e a rede de sítios identificados ao longo da cordilheira tornam plausível que esta fosse uma linha de defesa sertoriana.

Apesar disso, não podemos descartar completamente que estes sítios fossem, com efeito, postos avançados do acampamento localizado mais a Sul, ou, inclusive, se trate de sítios de “ancoragem” destinados a controlar e reconhecer o território com o objectivo de avançar no terreno e conquistar as zonas mais a Norte. Partindo do princípio que os acampamentos estáveis eram postos de retaguarda que auxiliavam outros, nas frentes de conflito, efectivamente ambos os recintos militares podem complementar-se. Além disso, devemos ter ainda em consideração a existência de outros sítios, como *Vicus Caecilii* (Haba Quirós e Rodrigo López, 1990), que pode ser utilizado como prova irrefutável de que os exércitos senatoriais transpuseram, efectivamente, o Tejo e ocuparam a área mais a Norte.

Ainda assim, não esqueçamos que o Tejo separa estas ocupações, mais próximo a Santa Marina que ao acampamento senatorial, e que Metelo, recordando as palavras de Salústio,

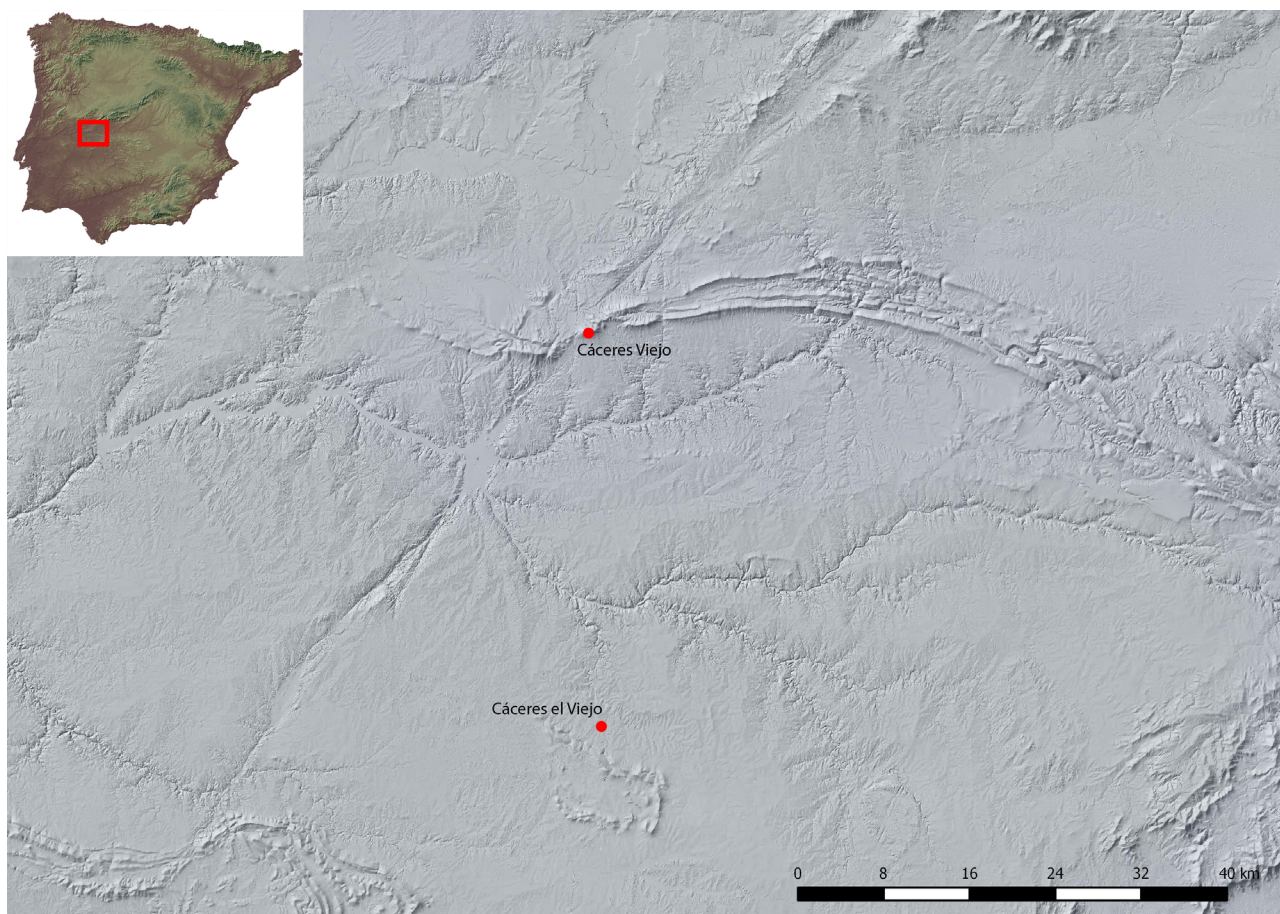


Figura 11
Mapa de base LiDAR
com localização
do acampamento
de Cáceres el Viejo,
Cáceres, e do sítio
Cáceres Viejo, Serra de
Santa Marina, Casas
de Millán.

“llegó a la vista del Tajo” (tradução de Salinas de Frías, 2006, p. 157). Se aceitarmos que, com efeito, Metelo não passou o Tejo, não há dúvida de que estamos perante uma implantação militar de guerrilha de contingentes que viviam única e exclusivamente com o necessário e sem luxos. Porém, tendo em conta que os exércitos avançavam ou recuavam consoante as condições e que a fundação do *Vicus Caecilius* se atribui a Metelo, localizado em Puerto de Béjar, também se pode considerar uma ocupação deste. O certo é que, apesar de tudo, uma situação não inviabiliza a outra. Pode, inclusive, dar-se o caso de que em determinado momento os apoiantes de Sertório estavam aquartelados na Serra de Santa Marina, mas que os avanços de Metelo os obrigaram a recuar, permitindo que os contingentes senatoriais avançassem até aos limites com a província de Salamanca, justificando-se assim a curta temporalidade da ocupação.

A quantidade e a qualidade dos produtos que se recuperaram no acampamento de Cáceres el Viejo não está plasmada neste sítio arqueológico. As únicas produções documentadas foram as locais/regionais e, mesmo essas, são consideravelmente distintas das que estão a ser analisadas do conjunto cerâmico daquele acampamento. Se Santa Marina correspondesse, de facto, a um posto avançado deste, e tendo em conta a proximidade de ambos, seguramente que lhe teriam feito chegar os mesmos produtos que foram consumidos no recinto militar de Metelo. Deve dizer-se que o aparente abandono programado e premeditado de Santa Marina pode explicar as ausências, mas, apesar disso não justifica as características diferenciadas destas cerâmicas, nem a completa ausência de ânforas itálicas.

Não é improvável, portanto, que estejamos perante um sítio ocupado pelos apoiantes de Sertório. Alguns argumentos fortalecem tal possibilidade e os dados nele obtidos contrastam

fortemente com os que se estão a apurar para o acampamento de Metelo. Já referimos que a arquitectura denuncia uma construção apressada que resultou em estruturas de aspecto precário, além de que as dimensões da ocupação do maciço parecem ser reduzidas. Por outro lado, a existência de outros sítios próximos e que também ocupam a cordilheira pode ser sintoma de que o exército estava disperso por esta área, seja para controlo da região ou defesa do território.

Conquanto todas as dúvidas que os dados suscitam e independentemente de quem ocupou a Serra de Santa Marina, esta rede de sítios de possível índole militar traz a debate outras questões polémicas. Embora alguns autores sejam partidários de que o conceito de *limes* é completamente desajustado quando aplicado à Arqueologia Militar Romana (Cadiou, 2008, p. 289; Heras Mora, 2015, p. 97), os dados que foram expostos obrigam a reflectir sobre essa negativa.

Apesar de não negarmos de todo essa proposta, pois como já referimos em outro trabalho “zonas de fronteira” pode não ser o mesmo que “linhas de fronteira” (Albuquerque *et al.*, *no prelo*), também não a aceitamos inquestionavelmente. Por outras palavras, sabemos que, efectivamente, as frentes de guerra na Antiguidade eram extremamente voláteis e já expusemos que as “excursões” em território inimigo deveriam ser frequentes, mas a existência de “zonas de fronteira” seguramente foi uma realidade que, de alguma forma, se plasmou no território. Não é de descartar, portanto, que os sítios que citámos neste trabalho, dispostos ao longo de um maciço que permite constituir uma zona defensiva, possa interpretar-se como tal. Se somarmos a esta dispersão de sítios e à defensabilidade que proporciona a sua implantação próxima ao Tejo, deparamo-nos com um sistema defensivo de difícil transposição, inclusivamente por exércitos bem preparados como os que comandava o general Q. Cecílio Metelo.

5. Reflexões

Embora de momento os resultados desta intervenção arqueológica coloquem mais dúvidas e questões do que respostas seguras, não parece desproporcionado afirmar que o sítio deixa antever uma grande potencialidade do ponto de vista arqueológico e interpretativo. Estamos convencidos de que a continuidade da investigação sobre o sítio, assim como os que lhe são contíguos, contribuirá decisivamente para a Arqueologia Militar Romana na Extremadura, em particular, e no Ocidente peninsular, no geral.

Reconhecemos que muitas das reflexões expostas necessitam ainda de argumentos mais sólidos e, outras questões, inclusive de confirmação arqueológica. Apesar disso, a associação da totalidade das evidências encontradas permitiu avançar algumas das ousadas leituras. Desde logo é evidente que, à luz dos novos dados, este foi um sítio importante no âmbito das guerras sertorianas. A cronologia averiguada através da moeda, recolhida no nível de utilização do espaço, foi determinante para a datação da ocupação. O momento e a localização em que este numisma circulou nesta área geográfica é, a nosso entender, coincidente com o momento em que Sertório e Metelo se enfrentaram (79-78 a. C.). As fontes são esclarecedoras nesse ponto, embora alguns autores situem o palco de conflito mais a Norte (García Morá, 1991, p. 84) e outros mais a Sul (Pérez Vilatela, 2000, Salinas de Frías, 2006). Porém, devemos reconhecer que, por ora, somente devemos afirmar taxativamente que este é, sem dúvida, um recinto defensivo, possivelmente militar, próximo ao acampamento de Cáceres el Viejo, sendo as restantes considerações apenas isso mesmo.

Se a cronologia da ocupação não deixa dúvidas, embora futuras intervenções possam vir a alterar ligeiramente a baliza temporal, mais complexa é a justificação de uma função militar

que, como vimos, nem sempre é evidente. Não obstante, os indícios permitem prever que sequer corresponde a uma ocupação civil. Renovamos alguns dos argumentos que, no seu todo, parecem apontar num único sentido.

O que mais se evidenciava quando se iniciou a intervenção era as características das construções visíveis à superfície. A dimensão das estruturas não parecia enquadrar-se com a técnica aplicada e menos ainda com a solidez que transpareciam. Pese essa aparente robustez, ficou claro que foram construídas de forma rápida, sem grandes cuidados no aparelho, no seu aspecto ou no seu alinhamento. Além disso, a exclusiva utilização de pedra local, algumas de dimensões ciclópeas, sobretudo as de base, ratificava essa possibilidade. Em consonância com esta realidade estão as restantes estruturas visíveis que, dispersas por uma área de cerca de 2ha, não sugerem uma organização premeditada ou previamente planificada. Idêntica situação foi constatada nas estruturas identificadas no extremo Norte da ocupação e que podem integrar algum sistema defensivo, ou, pelo menos, equivaler a uma estrutura defensiva.

Conquanto as estruturas estivessem já a descoberto, a intervenção permitiu o registo de uma ocupação curta no tempo e de consolidação estratigráfica pouco espessa. Com efeito, a suposta ocupação pré-romana não foi constatada nos níveis arqueológicos conservados e documentados. Aliás, a pouca potência da sedimentação estava, inclusive, patente nos derrubes das estruturas, também visíveis e conservando ocos entre as pedras superiores. A conservação dos níveis era considerável, apesar disso permitiu a recolha de um limitado, mas peculiar conjunto de materiais.

A singularidade do conjunto reside não na sua especificidade cronológica ou cultural, mas sim na austeridade delatada pelos que o utilizaram. Na verdade, estes dados apenas foram possíveis devido à associação das cerâmicas com a moeda de prata, caso contrário a cronologia atribuída podia ser outra. Todavia, a contemporaneidade do conjunto permitiu tecer algumas considerações que nos parecem pertinentes, nomeadamente o facto de que a cultura material recolhida seja tão distinta, qualitativa e quantitativamente, da que foi documentada no acampamento de Cáceres el Viejo. Com efeito, não foi sequer identificado um único fragmento de ânfora itálica vinária, um dos contentores mais importados e consumidos pelos exércitos senatoriais. Porém, o que nos persuadiu de que este sítio poderia ter tido uma função militar foram os dois projecteis de pedra, curiosamente realizados com matéria que não é local.

Apesar das ausências, parece evidente que o sítio foi, aparentemente, abandonado de forma deliberada, situação que pode estar relacionada com a pouca expressividade material. No entanto, o mesmo fundamento não pode ser imputado a outras consequências, nomeadamente à precariedade das construções ou à austeridade dos materiais consumidos. Por outro lado, embora o registo arqueológico já o manifestasse, demonstra simultaneamente que o sítio não foi alvo de abandono seguido, ou simultâneo, a destruição. Se assim fosse, pelo menos a julgar pelas áreas intervencionadas, ter-se-iam registado níveis arqueológicos com grande quantidade de materiais e/ou potentes estratos de cinzas.

Se os dados obtidos no Sector 2 foram os descritos, distinta situação oferecem os do Sector 1. Aí a inexistência de materiais arqueológicos dificulta consideravelmente uma adscrição cronocultural da ocupação do edifício, além de um par de fragmentos de *tegulae* documentadas nos níveis de derrube. Assim, de momento podemos apenas referir que as técnicas construtivas dessas estruturas são claramente distintas das descritas para o Sector 2, da mesma forma que apresentam espessuras mais comedidas e um aspecto mais cuidado.

Embora seja impossível, de momento, assegurar ou desmentir a contemporaneidade das estruturas de ambos os sectores, para o Sector 1 somente conhecemos a recolha de um machado de ferro (FIG. 12), depositado no Museu de Cáceres, que oferece uma cronolo-



Figura 12
Machado de ferro
proveniente do
edifício identificado
no Sector 1,
depositado no Museu
de Cáceres.

gia demasiadamente ampla. Corresponde a um machado de perfil de tendência triangular, maciço e com duas protuberâncias laterais no talão, que está documentado em sítios tanto da Idade do Ferro como romanos, com particular incidência naqueles. Alguns exemplares inéditos compõem o depósito do Museu de Cáceres provenientes do Castro del Berrocalillo, Plasencia, mas também são conhecidos a norte da Península Ibérica, concretamente no Castro de la Peña Sámano (Martínez Velasco, 2010, pp. 571-572, Figura 1). Em contexto romano, ainda que mais tardios que o aqui apresentado, foi reconhecido um exemplar similar no acampamento de El Cincho (*Ibidem*, pp. 447-448, Figura 2). Porém, são conhecidos exemplares análogos mais a ocidente em contextos de idêntica funcionalidade, referimo-nos a Cabeça de Vaiamonte (Pereira, 2014, p. 334, Fig. 7, n.º 50) e a Chões de Alpompé (Fabião *et al.*, 2015, p. 134, Fig. 19). É, pois, difícil atribuir uma cronologia específica para o exemplar extremamente sem que saibamos o contexto em que foi recolhido. Certo é, contudo, que aqueles de cronologia romana aparecem sempre em contextos de forte índole militar. Ainda assim, sabemos que, segundo as indicações do colector, é proveniente do interior do edifício existente no Sector 1 e estaria associado a moedas, das quais se desconhece o paradeiro.

Ainda que esta intervenção confirme, de alguma forma, a boa conservação do sítio, deixa de manifesto os critérios que foram tidos em conta para a sua implantação, aparentemente num monte que desconhecia ocupações prévias. A superfície extremamente irregular não era

propícia para uma ocupação humana e não facilitava sequer a construção de edifícios. Além disso, os terrenos aptos para exploração parecem localizar-se na planície que se estende a partir do sopé do cerro, para Sul. Não parece desproporcionado afirmar que, tendo em conta o exposto, era a defesa o principal objectivo, sobretudo se considerarmos o período conturbado em que se insere tal ocupação. Este local pode corresponder à ocupação principal de uma linha de defesa que aproveitou um maciço natural para distribuir pontos estratégicos de vigilância e/ou controlo. Esta barreira formava assim uma “muralla” natural que se estendia ao longo da metade ocidental da província de Cáceres e que, juntamente com o Tejo, constituía um sistema defensivo natural de difícil transposição.

De momento apenas foi possível comprovar a existência de sítios arqueológicos similares nas imediações da Serra de Santa Marina, mas estamos convencidos que o ampliar dos trabalhos de prospecção permitirá a identificação de outros. Deve admitir-se, apesar disso, que estes carecem ainda de trabalhos de escavação de comprovem a sua coetaneidade com o sítio aqui tratado. Esta rede ocupacional, a ser confirmada, deve ainda ser relacionada com a presença do acampamento de Cáceres el Viejo, separados por uma distância de cerca de 40km e alinhados no sentido Sul/Norte. Esta contraposição não é apenas geográfica, pois também os dados entre ambos são claramente distintos. Por outras palavras, apresentam critérios de implantação diferentes, um em planície outro em altura, a construção e a organização interna apresenta diferentes projectos, um programado o outro expedito, a cultura material é diferente, em Cáceres el Viejo em grande quantidade e diversificada enquanto na Serra de Santa Marina pouca e de produção tosca. Evidentemente que estes dados não são suficientes para garantir a qual das frentes de conflito terá correspondido a ocupação da Serra de Santa Marina e não podemos descartar a proposta de García Morales (1979). Contudo, os contrastantes indícios podem validar que essa ocupação foi realizada com o objectivo de travar os exércitos senatoriais e, como tal, pode efectivamente enquadrar-se na técnica de guerrilha praticada pelos apoiantes de Sertório.

Não pretendemos afirmar que a Serra de Santa Marina é um dos pontos onde Sertório fez estacionar as suas tropas, na realidade nada nos permite asseverar tal afirmação. Todavia, parece evidente que, segundo as fontes, é provável a sua presença nesta área geográfica no momento que foi averiguado através dos resultados desta intervenção. Além disso, estes factos estão em consonância com a chegada de Q. Cecílio Metelo e o seu confronto com o general romano que se opôs ao regime de Roma.

BIBLIOGRAFIA

- ALONSO SÁNCHEZ, A. (1981) – *El campamento romano de Cáceres el Viejo*. Tese apresentada à Universidade de Extremadura para obter o grau de Doutora.
- ARRUDA, A. (2007) – *Laccobriga*. In *A ocupação romana na baía de Lagos. Catálogo da Exposição*. Lagos: Câmara Municipal, p. 7-47.
- ARRUDA, A. e SOUSA, E. (2012) – Ânforas republicanas de Monte Molião (Lagos, Algarve, Portugal). *SPAL*. Sevilha. 21, p. 93-133.
- BELTRÁN LLORIS, M. (1974) – Problemas de Arqueología cacereña: el Campamento romano de Cáceres el Viejo (Cáceres). Estudio numismático. *Numisma*. Madrid. 120-131, p. 255-310.
- BELTRÁN LLORIS, M. (1976) – La cerámica del campamento romano de Cáceres el Viejo (Cáceres). *V Congreso de Estudios Extremeños*. Badajoz, p. 1-21.
- BELTRÁN LLORIS, M. (2002) – La etapa de Sertorio en el Valle del Ebro. Bases arqueológicas. *Pallas*. Toulouse. 60, p. 45-92.
- CADIOU, F. (2004) – Sertorius et la guérilla. AULIARD, Cl. e BODIOU, L. (dir.) – *Au jardin des Hespérides. Histoire, société et épigraphie des mondes anciens*. Mélanges offerts à Alain Tranoy. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 297-314.

- CADIOU, F. (2008) – *Hibera in terra miles. Les armées romaines et la conquête de l'Hispanie sous la République (218-45 av. J.-C.)*. Madrid: Casa de Velásquez.
- CÁNDON GONZÁLEZ, A. (2013) – Sertorio, el libertador de los hispanos. *Revista de Claseshistoria*. Málaga. 401, p. 1-18.
- CHIC GARCÍA, G. (1986) – Q. Sertorius, Procónsul. Actas de la reunión científica, *Epigrafía hispánica de época romano-republicana*. Zaragoza, p. 171-176.
- CRAWFORD, M. H. (1974) – *Roman Republican Coinage*. 2 Vols. Cambridge: Cambridge University Press.
- ENCARNAÇÃO, J. (2009) – Sertório, general romano: guerrilheiro e mito?. Actas do seminário *Memória, Mito e História – O Sacrifício de Almeida*. Centro de Estudos de Arquitectura Militar de Almeida, p. 98-109.
- ESPINOSA, U. (1984) – Calagurris y Sertorio. *Calahorra, bimilenario de su fundación. Actas del I Symposium de Historia de Calahorra*. Madrid, p. 189-199.
- FABIÃO, C., PEREIRA, T. e PIMENTA, J. (2015) – Coleção de metais do sítio arqueológico dos Chões de Alpompe – Santarém. *CIRA-ARQUEOLOGIA*. Vila Franca de Xira. IV, p. 110-150.
- GARCÍA MORÁ, F. (1991) – *Un episodio de la Hispania republicana: la guerra de Sertorio, planteamientos iniciales*. Granada: Universidad.
- GARCÍA MORÁ, F. e PÉREZ MEDINA, M. (1991) – Algunos aspectos del conflicto sertoriano en tierras béticas. GONZÁLEZ ROMÁN, C. (ed.) – *La Bética en su problemática histórica*. Granada: Universidad, p. 63-85.
- GARCÍA MORALES, F. (1979) – El “otro Cáceres el Viejo”. CERRILLO MARTÍN DE CÁCERES, E. e RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, A. (eds.) – *Estudios dedicados a Carlos Callejo Serrano*. Diputación Provincial de Cáceres, p. 323-334.
- HABA QUIRÓS, S. e RODRIGO LÓPEZ, V. (1990) – La vía de la plata entre las mansiones *Rusticana* y *Caecilius Vicus*: la calzada en relación con el asentamiento. *Simposio sobre la red viaria en la Hispania romana*. Cáceres, p. 241-252.
- HERAS MORA, J. (2015) – *Arqueología de la implantación romana en los cursos Tajo-Guadiana (Siglos II-I a.n.e.)*. Tese apresentada à Universidade Autónoma de Barcelona para obter o grau de Doutor.
- HURTADO PERÉZ, P. (1927) – *Castillos, torres y casas fuertes de la provincia de Cáceres*. Cáceres: La Minerva.
- HURTADO DE SAN ANTONIO, R. (2000) – *El poblamiento hispano-romano en la provincia de Cáceres*. Sevilla: Padilla Libros Editores & Libreros.
- MARÍN JORDÁ, C.; RIBERA I LACOMBA, A. e SERRANO MARCOS, M. (2004) – “Cerámica de importación itálica y vajilla ibérica en el contexto de *Valentia* en la época sertoriana. Los hallazgos de la plaza de Cisneros”. La vajilla ibérica en época helenística (siglos IV-III al cambio de era). Madrid: Casa de Velásquez, p. 113-134.
- MARTÍN BRAVO, A. (1995) – *Las sociedades de la edad del hierro en la Alta Extremadura*. Tese apresentada à Universidade Complutense de Madrid para obter o grau de Doutora.
- MARTÍNEZ VELASCO, A. (2010) – “Castro de la Peña de Sámano”. SERNA GANCEDO, M.; MARTÍNEZ VELASCO, A. e FERNÁNDEZ ACEBO, V. (eds.) – *Castros y castra en Cantabria: fortificaciones desde los orígenes de la Edad del Hierro a las guerras con Roma: catálogo, revisión y puesta al día*. ACANTO, p. 571-572.
- MENÉNDEZ PIDAL, R. (1962) – Las Guerras de lusitanos y celtiberos contra Roma Segundo Periodo: La Guerra Numantina (143 a 133 a. de J. C.). *España Romana. Historia de España*. Tomo II. Madrid: R. Menéndez Pidal Dir. Espasa Calpe, p. 145-186.
- MONTALVO FRÍAS, A. (2008) – La Vía de la Plata a su paso por Cáceres. Problemas de un trazado. SANABRIA MARCOS, P. (ed.) – *Arqueología urbana en Cáceres. Investigaciones e intervenciones recientes en la ciudad de Cáceres y su entorno*. Memorias, Museo de Cáceres, p. 145-158.
- MORET, P., MUÑOZ, A., GARCÍA, I., CALLEGARIN, L. e PRADOS, P. (2008) – El oppidum de la Silla del Papa (Tarifa, Cádiz) y los orígenes de *Baelo Claudia*. *Aljaranda*. Tarifa. 68, p. 2-8.
- MORILLO CERDÁN, A. (2014) – Campamentos y fortificaciones tardorrepublicanas en Hispania. “Calibrando” a Sertorio”. SALA SELLÉS, F. e MORATALLA JÁVEGA, J. (eds.) – *Las guerras civiles romanas en Hispania. Una revisión histórica desde la contestania*. Alicante: Universidad e MARQ, p. 35-49.
- PAULE RUBIO, A. (2011) – Extremadura por la Vía de la Plata”. *XXXIX Coloquios Históricos de Extremadura: dedicados al arte románico en Extremadura*. Trujillo, p. 525-559.
- PEREIRA, T. (2014) – Entre Sertório e César: as marcas do exército no sítio arqueológico de Cabeça de Vaia-monte (Monforte/ Portugal). *CIRA ARQUEOLOGIA*. Vila Franca de Xira. III, p. 322-342.
- PEREZ GUTIERREZ, Mª. (2014) – *Tras las huellas de Sertorio en Hispania: arqueología de la primera guerra civil romana (82-72 a.C.)*. Tese apresentada à Universidade de Cantabria para obter o grau de Mestre. Policopiado.
- PÉREZ URBAN, F. (2005) – La Vía de la Plata en Extremadura. *ANAS*. Mérida. 18, p. 153-187.
- PÉREZ VILATELA, L. (2000) – *Lusitania. Historia y etnología*. Madrid: Real Academia de la Historia.

- PINA POLO, F. (2006) – Calagurris contra Roma: de Acidino a Sertorio. *Kalakorikos* Calahorra. 11, p. 117-129.
- RIBERA I LACOMBA, A. e MARÍN JORDA, C. (2004-2005) – Las cerámicas del nivel de destrucción de Valentia (75 a.C.) y el final de Azaila. *Kalathos*. Teruel, p. 271-300.
- ROLDÁN HERVÁS, J. (1981) – *Historia de Roma. La República*. Madrid: Catedra.
- SALINAS DE FRÍAS, M. (2006) – Geografía ficticia y geografía real de la epopeya sertoriana. G. CRUZ, P.; LE ROUX e P. MORET (coords.) – *La invención de una geografía de la Península Ibérica*. vol. 1 (La época republicana). Madrid: Casa de Velázquez, p. 153-176.
- SÁNCHEZ ABAL, J. (1983) – Sertorio, Metelo y *Castra Caecilia*. *Vettonia*. Cáceres. 1, p. 21-29.
- SÁNCHEZ ABAL, J. (1984) – Algunas consideraciones sobre el campamento romano de Cáceres el Viejo. *Actas de las II Jornadas de Metodología y Didáctica de la Historia*. Cáceres, p. 159-166.
- SANTOSYANGUAS, J. (2009) – Sertorio: ¿un romano contra Roma en la crisis de la república?. GIANPAOLO URSO (ed.) – *Ordine E Sovversione Nel Mondo Greco E Romano*. Pisa: Edizione ETS, p. 177-192.
- SCHULTEN, A. (1928) – *Castra Caecilia, Erster Bericht, Archäologischen*. Anzeiger: Jahrbush des Deutschen Archäologischen Instituts 43. Berlin, p. 1-14.
- SCHULTEN, A. (dir.) (1937) – *Fontes Hispaniae Antiquae*, vols. III, IV y VII. Barcelona.
- TORRES-MARTÍNEZ, J.; MARTÍNEZ VELASCO, A. e PÉREZ FARRACES, C. (2013) – Los proyectiles de artillería romana en el *oppidum* de Monte Bernorio (Villarén, Palencia) y las campañas de Augusto en la primera fase de la guerra cantábrica. *Gladius*. Madrid. XXXIII, p. 57-80.
- ULBERT, G. (1984) – *Cáceres el Viejo. Ein spätrepublikanischen legionslager in Spanisch – Extremadura*. Mainz am Rhein: Madrider Beiträge, Band 11.

NOTAS

- ¹ Não entraremos aqui na longa problemática cronológica de Cáceres el Viejo e da sua identificação com *Castra Servilia* (Ulbert, 1984), *Castra Liciniana* (Beltrán Lloris, 1974; 1976) ou *Castra Caecilia* (Schulten, 1931; Sánchez Abal, 1983; 1984). Apenas pretendemos referir que a totalidade de materiais arqueológicos deste sítio está, de momento, em (re)estudo, do qual resultará uma monografia, que se publicará no âmbito do projecto: “Acampamentos militares romanos no Ocidente peninsular: estratégias de conquista e controlo do território”, do qual o autor é director.